

## ARTIGO

---

**Legitimidade e credibilidade nas manifestações de Mulheres em Hollywood e na França**Camila Kayssa Targino Dutra<sup>1</sup>Lizandra Geovana de Souza Oliveira<sup>2</sup>Verônica Palmira Salme de Aragão<sup>3</sup>

---

**Resumo:** Publicado em janeiro de 2018, o *Manifesto Catherine Deneuve* teve grande repercussão no jornalismo internacional, por apresentar críticas às manifestações de mulheres – em sua maioria atrizes – de Hollywood, nas situações que envolveram as denúncias de assédio e abuso sexual. Com base na Análise Semiolinguística do discurso, pretendeu-se identificar de que modo a *visada de incitação* (CHARAUDEAU, 2004) é utilizada para defender um determinado ponto de vista no *Manifesto Catherine Deneuve*. Dentre os resultados observados, verificaram-se restrições na troca comunicativa devido à situação de enunciação concernente à legitimidade do *Manifesto* que defende a manutenção do *status quo* do patriarcado.

**Palavras-chaves:** Legitimidade; Credibilidade; Mulheres; Identidades Coletivas.

**Introdução**

O movimento de mulheres contra a opressão sofrida ao longo da história humana revela momentos de grande repercussão, como foram as sufragistas, no século XIX, com a conquista do voto feminino. Nesse contexto, Davis (2017, p. 17) destaca o renascimento do movimento de mulheres: “se a sua primeira onda começou

---

<sup>1</sup> Pesquisadora Voluntária PIBIC/UERN. Integrante do grupo de pesquisa GPELL/UERN. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFRN e Bacharela em Direito.

<sup>2</sup> Graduanda em Serviço Social, UERN.

<sup>3</sup> Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Programa de Mestrado Profissional – ProfLetras.

nos anos 1840, e a segunda, nos anos 1960, então, nestes últimos dias da década de 1980, estamos nos aproximando da crista de uma terceira onda”. De fato, é notório o crescimento da organização das mulheres na luta pela igualdade de direitos, em todos os setores da sociedade, reivindicando, ainda, o respeito às diversas identidades.

O contexto atual tem revelado uma verdadeira luta de forças que, por um lado, reforça a limitação de direitos das mulheres, como a criminalização do aborto, e por outro lado, inflama a luta com a união de mulheres de diversos setores da sociedade. Nesse sentido, a presente pesquisa volta-se para um estudo de caso ocorrido, em um primeiro momento, nos EUA, após uma enxurrada de denúncias de assédio sexual e, até mesmo, estupro contra um relevante diretor de cinema de Hollywood, Harvey Weinstein.

Um número considerável de mulheres, incluindo famosas, como Ashley Judd, Mira Sorvino, Angelina Jolie e Gwyneth Paltrow, dentre outras, denunciou em outubro de 2017, os assédios cometidos ao longo de décadas. Diferentemente da impunidade histórica de agressores, o Diretor Hollywoodiano foi demitido depois da publicação da revista *The New Yorker* do jornal *The New York Times*.

Com o apoio das redes sociais, o “caso Weinstein” desencadeou uma série de reações, como o movimento *#Metoo*, que conseguiu unir milhares de mulheres assediadas. O movimento teve por objetivo expor os abusos sofridos, cujas vítimas, antes silenciadas e reservadas a um lugar de margem, passam agora a ser percebidas, visando ao rompimento da imagem histórica da mulher assediada como responsável pelo assédio, e não a vítima.

Com isso, o primeiro evento de Hollywood no ano de 2018, a 75ª edição do prêmio Globo de Ouro, destacou-se pelas manifestações contra o assédio sexual na indústria do cinema. O tapete vermelho foi substituído pelo preto, pois seria a cor da solidariedade com as vítimas que tiveram a coragem de denunciar. Somaram-se, a isso, broches com a frase *Time is Up* (o tempo acabou) e contundentes declarações.

Nesse ínterim, surgiu, em janeiro de 2018, publicado pelo jornal francês *Le Monde*, um manifesto assinado por cerca de 100 personalidades francesas (EL PAÍS, 2018), criticando o movimento das atrizes norte-americanas, com o argumento de que se trata de um “puritanismo sexual em Hollywood” e “por vitimizar mulheres que recebem cantadas” (EL PAÍS, 2018). O manifesto, intitulado *Manifesto Catherine Deneuve*, por ser assinado por essa atriz de grande projeção na sociedade francesa, reacende o debate, tendo sido, desde então, muito criticado por intelectuais e artistas.

A tese defendida no *Manifesto* fundamenta-se no apoio a uma suposta liberdade sexual, como pode ser observado no argumento mais forte em que “o estupro é crime. Mas a paquera insistente ou desajeitada não é crime, nem o galanteio é uma agressão machista” (MANIFESTO, 2018), em que há a resignificação do conceito de “assédio”.

O *Manifesto Deneuve* desencadeou uma enxurrada de reações, como o artigo de Caroline de Haas, publicado no site da emissora de rádio *France Info*, no qual é veiculada a acusação ao documento de “banalizar a violência sexual”, bem como a retomada da distinção de sentido dos termos “assediar” e “seduzir” (EL PAÍS, 2018). Dias depois, Catherine Deneuve, em um artigo publicado no jornal *Libération*, pediu perdão às vítimas de abusos que se sentiram ofendidas pelo texto (EL PAÍS, 2018).

Assim, diante da contemporaneidade que tal assunto possui, teve-se como objetivo, no presente estudo, investigar de que modo a *visada de incitação* (CHARAUDEAU, 2004) do *Manifesto Catherine Deneuve* é utilizada para defender um determinado ponto de vista. Posteriormente, foi observada a presença de identidades que questionam e as que se enquadram em discursos sexistas. Para isso, foram analisados imaginários coletivos (produzidos pelos indivíduos que manifestam, por sua vez, valores por eles compartilhados), além da legitimidade e credibilidade dessas identidades, conforme Charaudeau (2015, p. 21).

## **1 A linguagem e a construção dos sentidos**

A construção dos sentidos tem se tornado cada vez mais uma preocupação constante em diversas áreas do conhecimento. Como destacado por Fiorin (1988, p. 8), a linguagem é um “fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica”. Portanto, a tradição dos estudos linguísticos, baseados no conhecimento restrito à forma, não satisfaz os estudiosos atuais, que se voltam para a pesquisa do discurso, visando a uma abordagem comunicativa da linguagem para dar conta do conteúdo imaterial, ideológico, implícito, ou seja, das entrelinhas das manifestações verbais.

Nesse sentido, o presente estudo fundamenta-se na Teoria Semiollingüística do Discurso, de Patrick Charaudeau, segundo o qual os sujeitos, na emissão de um ato de linguagem, são considerados em suas dimensões: *psicológicas*, uma vez que se

utilizam da cognição tanto na produção como na construção dos sentidos; *sociais*, tendo em vista os contextos em que se inserem (espaço, tempo, cultura, etc.) e *discursivas*, que dizem respeito à construção dos sentidos, a partir do emprego das formas (CHARAUDEAU, 2005). Para Charaudeau (2005, p. 11), esse sujeito é, portanto, “psico-sócio-linguageiro”.

Não se trata da apresentação sistematizada da teoria, porque o objetivo da presente discussão é abordar a problemática da *identidade* dos sujeitos nos processos de construção do sentido. Patrick Charaudeau considera, em seus estudos os aspectos cognitivos e sociais intrínsecos à linguagem. Segundo ele “a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito, o que ocorre em três domínios de atividade humana: ‘o domínio da socialização; o domínio do pensamento e o domínio dos valores’” (CHARAUDEAU, 2015, p. 13).

Com isso, pode-se compreender o porquê de cada sujeito construir os sentidos de um texto de uma maneira tão particular, de acordo com as suas experiências de vida, e de sua identidade. Os diversos papéis exercidos na sociedade tornam a identidade cingida por inúmeros traços, tais como sexo, idade, origem, etnia, categorias profissionais e mesmo particulares, como estado civil, ou classe social. Dependendo dessas categorias, é possível compreender os processos de construção dos sentidos, com base na *legitimidade* e na *credibilidade* dos sujeitos envolvidos no ato languageiro.

## 2 O Gênero

A análise do discurso, aqui mobilizada no escopo da Teoria Semiológica de Charaudeau, exige pensar, a princípio, na discussão de gênero. Isso porque é importante compreender as representações que essas mulheres assumem, tendo em vista o seu projeto comunicativo.

É fundamental perceber que, mesmo com a ideia aceita de um Estado que garanta, por prescrição (atos normativos, dos quais se destacam as leis), a universalidade e igualdade de direitos entre mulheres e homens<sup>4</sup>, verifica-se, na prática, uma incapacidade para a consolidação desse direito, ferindo, inclusive, a liberdade essencial de existência ao gênero feminino. Essa constatação possibilita uma crítica contundente à forma como desde o princípio tal democracia foi estabelecida através do perfil macho e branco que sustenta o sistema patriarcal de gênero (SAFFIOTI, 2015). A tentativa de quebra, ou até mesmo de total ruptura com essas regras tão generalizadas nas sociedades, germina ao longo da história através da reflexão de mulheres acerca dos conceitos não propostos anteriormente em tal estrutura.

Em um primeiro plano, as perspectivas sobre o que seria gênero são em síntese fruto da antropologia e da observação do que já se conceituava enquanto feminismo. Recai em centralidade sobre a ideia de gênero o desejo de apartar da esfera biológica o cultural, retirando o respaldo considerado natural que sustenta

---

<sup>4</sup> O artigo 5º da Constituição Federal de 1988 é claro em seu *caput*, ao dispor que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade privada, nos seguintes termos: I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”.

relações desiguais de poder, seja no âmbito público ou privado (GONÇALVES, 2011). Nesse mesmo sentido, Mathieu (2009) opõe o sexo, que é biológico, ao gênero, que é social. Portanto, nesse movimento reflexivo, é feita uma abordagem social e estrutural das relações e das construções que foram estabelecidas através do sexo biológico.

O debate sobre gênero questiona que tanto a classe de mulheres como a de homens não estão dadas, de pronto, a essa definição exata da realidade objetiva, mas surgem enquanto manifestações de suas relações com o mundo. Coloca-se, então, a necessidade de resgatar esse debate, engendrado por antropólogas feministas, entendendo que “a diferenciação entre sexo e gênero pode ser considerada fundamental para o movimento feminista” (GONÇALVES, 2011, p. 40), principalmente ao agregar a palavra gênero ao universo do pensar/agir, que é essencial para a desconstrução do sistema patriarcal.

Dado o avanço desse debate, a concepção de gênero torna-se cada vez mais nuclear para o entendimento de que “[...] a atribuição de certos comportamentos a homens e mulheres não ocorre de forma independente, mas sim relacional, surgindo das articulações e relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres” (GONÇALVES, 2011, p. 49). No Brasil, o direito ao voto e ao ensino são conquistas recentes, tendo sido o primeiro, por exemplo, promulgado pelo Congresso, Nacional somente em 1932.

Por muito tempo, as mulheres estiveram fora da história. De acordo com Perrot (2017, p. 17), “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”, sendo, portanto, até naturalizada. Já em outras se

verifica um ativismo, iniciado no século XIX, com destaque para o movimento das sufragistas. A autora destaca, na década de 1970, o advento da ciência, com o estruturalismo e marxismo, resultando na “renovação de questões”, ligadas à história e à antropologia.

Nesse intermeio entre militância e academia, interessa ao presente estudo o conceito de Feminismo, caro à emancipação das mulheres na busca pelo fim dos privilégios masculinos e a conquista de uma igualdade em meio às diferenças. Conforme Collin (2009, p. 61): “o feminismo introduziu [...] uma revolução na concepção da relação entre os sexos, revolução que não inclui um modelo factual ou ideológico prévio. É uma política do irrepresentável”.

Os conceitos de “gênero” e de “Feminismo” passam por transformações, em função das mudanças das sociedades, mas sempre na busca por igualdade de oportunidades para as pessoas. Nesse sentido, vale destacar o pensamento de Tiburi (2018, p. 11) de que:

O feminismo nos leva à luta por direitos de *todas, todes* e *todos*. *Todas* porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero - e de sexualidade - e isso veio interferir na vida toda. *Todos* porque luta por certa ideia de humanidade.

A igualdade de direitos entre homens e mulheres acarreta mudanças em toda a sociedade, como, por exemplo, nascimento, família, trabalho, conhecimento etc. Para isso, é preciso que a mulher ocupe os diversos espaços, e com isso possa



contribuir com a elaboração de políticas que possibilitem a sua atuação plena. Tiburi (2018, p. 12) compreende o feminismo como:

Desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõem a esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência.

O conceito proposto revela os anseios feministas de combate à subjugação, tendo em vista os diversos mecanismos sociais, engendrados na reificação da mulher, desautorização do domínio do próprio corpo e uso das estruturas de poder para a manutenção dessa desigualdade.

Dessa forma, os conceitos de gênero e Feminismo contribuem para o presente estudo por levantarem questionamentos sobre suas relações, concepções e implicações para as mudanças sociais que despertem a consciência para a importância de seu conhecimento e formas de transformações sociais e políticas.

### **3 Legitimidade dos discursos**

É importante ressaltar que a percepção da identidade exige o reconhecimento do outro. Conforme Charaudeau (2015, p. 18), “para que haja tomada de consciência identitária, é necessário que se perceba uma ‘diferença’ e que se estabeleça certa

‘relação’ face ao outro”. O reconhecimento dessa identidade, portanto, perpassa os imaginários socioculturais ou coletivos, cujos valores são compartilhados.

Nesse sentido, destaca-se ainda que pode ocorrer o movimento de *atração* ou *rejeição* do outro, a fim de resolver o problema da diferença. No caso do manifesto, é possível destacar o pedido de perdão de Catherine Deneuve (EL PAÍS, 2018), caracterizando o movimento de *atração*, definido por Charaudeau (2004, p. 19), como “de apreensão do outro [...] a fim de resolver esse problema da diferença”.

Por outro lado, verifica-se na publicação do *Manifesto Catherine Deneuve*, um movimento de *rejeição às identidades coletivas* que desencadeou diversos atos de denúncia da violência contra a mulher. Nesse sentido, dois grupos de mulheres divergem no que diz respeito à credibilidade e à legitimidade de seus discursos, baseados em seus respectivos valores, ideias, hábitos e papéis sociais. Assim, em conformidade com Charaudeau (2015, p. 19), “essa diferença representa uma ‘ameaça’ para o sujeito”, e a consolidação desse julgamento caracteriza os estereótipos. Com isso, identificam-se *identidades coletivas* divergentes que *ameaçam* a união entre as mulheres.

A investigação do discurso defendido pelo *Manifesto Catherine Deneuve* exige uma abordagem teórica que considere a *situação comunicativa* dos dois contextos espaciais de grande projeção internacional: França e Hollywood. A princípio, destaca-se a importância histórica das francesas na luta pela emancipação das mulheres, tanto na academia, como em outros âmbitos da sociedade, como na esfera artística, o que lhes confere uma posição privilegiada no que diz respeito aos assuntos de temática feminista.

Verifica-se certa legitimidade, presente no ideário coletivo das mulheres francesas, enquanto emancipadoras, portanto revela-se como uma estratégia comunicativa, enquanto, para as atrizes hollywoodianas, essa legitimidade se caracterizaria como uma restrição, devido ao seu caráter inovador no âmbito das denúncias das indústrias cinematográficas, embora a repercussão tenha sido bastante abrangente.

Esses dois grupos de mulheres reivindicam um discurso feminista, contudo, com finalidades diferentes. Essas finalidades são abordadas, no presente trabalho, a partir do conceito de *visadas*, o qual corresponde “a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante, e, por conseguinte da própria troca linguageira” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23).

A finalidade fundamenta-se no *princípio de influência*, selecionando uma *visada* e determinando uma orientação discursiva da comunicação. De acordo com Charaudeau (2004, p. 23), “os tipos de visada são definidos por um duplo critério: a intenção pragmática do *eu* em relação com a posição que ele ocupa como enunciador na relação de força que o liga ao *tu*; a posição que da mesma forma *tu* deve ocupar”. Para melhor compreensão, o Quadro 01, a seguir, sistematiza os conceitos de *visadas*, bem com as pessoas no discursivo.

Quadro 01 – Sistematização das categorias de *visadas*

<b>Visadas</b>	<b>Eu</b>	<b>Tu</b>
<b>Prescrição</b>	quer “mandar fazer” (tem autoridade de poder sancionar)	se encontra em posição de “dever fazer”
<b>Solicitação</b>	quer “saber” (está em posição de inferioridade de saber diante do tu)	está em posição de “dever responder” à solicitação
<b>Incitação</b>	Quer “mandar fazer” (mas, não estando em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer; ele deve, então “fazer acreditar”)	está em posição de “dever acreditar” que se ele age, é para o seu bem
<b>Informação</b>	quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber	se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento
<b>Instrução</b>	quer “fazer saber-fazer”, e ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber e de legitimação para transmitir o saber	está em posição de “dever saber fazer” segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto por eu
<b>Demonstração</b>	quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas” segundo uma certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert)	está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.

Fonte: Charaudeau (2004), adaptado. Autoria própria.

Ao presente estudo, interessa a *visada de incitação* por instigar um “eu”, como no *Manifesto Catherine Deneuve* a persuadir um tu, com base na legitimidade e credibilidade de suas autoras. Esses sujeitos psico-sócio-linguageiros, com suas identidades de intelectuais e atrizes consagradas, apoiam-se em *imaginários sociais*,

apreendidos no mundo. Daí a importância de se analisar a identidade coletiva, presente no *Manifesto*, e a situação comunicativa desses sujeitos, visando a identificar a sua representatividade para o Feminismo enquanto movimento de defesa da mulher. É o que se pretende com este estudo.

#### **4 Análise do *Manifesto Catherine Deneuve***

O *Manifesto Catherine Deneuve* assume um posicionamento crítico que passa a deslegitimar as sucessivas ações, advindas das denúncias provenientes do caso Harvey Weinstein. Trata-se, portanto, de uma *visada de incitação* que se apoia em imaginários coletivos, visando ao questionamento da *legitimidade* e *credibilidade* das ações das mulheres “hollywoodianas”.

Utilizam-se, na investigação, as seguintes categorias de análise: imaginários coletivos, legitimidade e credibilidade dos argumentos presentes no *Manifesto Catherine Deneuve*. Para isso, foram retirados fragmentos (teses) do *Manifesto* com o objetivo de compreender essas categorias, e a partir delas apreender a representatividade das identidades. Juntamente com a análise qualitativa dos fragmentos (ordenados alfabeticamente), são apresentados quadros que sistematizam essas informações de modo a explicitar as interpretações:

a) “Depois do caso Weinstein, houve uma legítima tomada de consciência a respeito da violência sexual exercida contra as mulheres, especialmente no ambiente profissional onde alguns homens abusam do seu poder. Ela era necessária”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Tomada de consciência	Reconhecimento da violência contra a mulher	Abuso de poder dos homens	Feminismo

Em um primeiro momento, para fundamentar a tese sobre a necessidade da “tomada de consciência das mulheres”, o Manifesto Catherine Deneuve apoia-se nos argumentos de legitimidade (existência da violência contra as mulheres) e de credibilidade (existência do abuso de poder por parte dos homens). Com isso, verifica-se uma representatividade feminista.

b) “Mas essa libertação da palavra se volta hoje em seu contrário: somos intimadas a falar como se deve, a calar o que incomoda e aquelas que se recusam a se curvar a tais injunções são consideradas traidoras, cúmplices”!

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Libertação da palavra = imposição do silêncio	Imposição feminista	Liberdade de expressão	Traidoras, cúmplices

O Manifesto Catherine Deneuve cria uma ambiguidade no que diz respeito à libertação da palavra, já que, nesse caso, há uma imposição do silêncio das ideias “diferentes” das propostas feministas. Com isso, verificam-se os argumentos de

legitimidade baseado na imposição feminista, e de credibilidade, apoiado na liberdade de expressão, para criticar a representatividade, resultante na imagem de “traidoras e cúmplices” dos homens, por divergirem das primeiras.

Portanto, o trecho do Manifesto Catherine Deneuve afirma que a libertação da palavra, pela qual se baseia também a liberdade que a mulher angariou nos últimos anos, com os ganhos do movimento feminista, passa a sofrer uma “imposição do silêncio”, quando a liberdade de expressão não é utilizada da mesma forma por todas as mulheres.

Em suma, o Manifesto Catherine Deneuve propõe, ou mais precisamente defende, a liberdade da fala sob qualquer circunstância, até mesmo quando tal liberdade implicar divergências entre o que for meramente liberdade de expressão ou oportunidade para reafirmar ideais já ultrapassados pelo movimento feminista, mas que ainda é legítimo de certas mulheres, que integram certas camadas da sociedade.

c) “Mas essa é uma característica do puritanismo: emprestar, em nome de um suposto bem geral, os argumentos da proteção das mulheres e de sua emancipação para melhor acorrentá-las a um estatuto de eternas vítimas, de pobres coisinhas sob o domínio dos falocratas demônios, como nos bons e velhos tempos da feitiçaria”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Puritanismo	Proteção e emancipação das mulheres	Estatuto de eternas vítimas	Crítica

O Imaginário Coletivo sob a tese “puritanista” pauta-se nos argumentos de legitimidade, que critica a necessidade de proteção das mulheres, em oposição a sua emancipação, e de credibilidade, em que as mulheres se consideram eternas vítimas. Essa estratégia discursiva objetiva criar uma imagem crítica e questionadora, apoiada em uma representatividade crítica.

d) “Na verdade, o #metoo provocou na imprensa e nas redes sociais uma campanha de denúncia e de acusação pública de indivíduos que, sem que lhes tenha sido dada a oportunidade de responder ou de se defender, foram colocados exatamente no mesmo nível que os agressores sexuais. Essa justiça expeditiva já fez suas vítimas, homens castigados no exercício de sua profissão, forçados a se demitir, etc., quando seu único erro foi ter tocado um joelho, tentado roubar um beijo, falar sobre coisas “íntimas” em um jantar profissional ou ter mandado mensagens com conotação sexual a uma mulher cuja atração não era recíproca”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Denúncia/ acusação	“denúncia expeditiva”/ agressores sexuais	Vítimas/ homens castigados	Masculina

Mantendo o raciocínio anterior, o Manifesto Catherine Deneuve apresenta um posicionamento crítico de denúncia, baseado nos argumentos de legitimidade e de credibilidade, porém, dessa vez, na defesa explícita dos homens agressores. Com



isso, é possível notar a representatividade masculina.

e) “Essa febre para mandar os “porcos” ao matadouro, longe de ajudar as mulheres a conquistar sua autonomia, serve na verdade aos interesses dos inimigos da liberdade sexual, dos extremistas religiosos, dos piores reacionários e daqueles que acreditam, em nome de uma concepção substancial do bem e da moral vitoriana que os envolve, que as mulheres são seres “à parte”, crianças com rosto de adultos, que pedem para ser protegidas. Diante delas, os homens são instados a fazer seu mea culpa e a encontrar, no fundo de sua consciência retrospectiva, um “comportamento deslocado” que poderiam ter tido dez, vinte ou trinta anos atrás, e do qual deveriam se arrepender. A confissão pública, a incursão de autoproclamados promotores na esfera privada, eis o que instala um clima de sociedade totalitária”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Febre para mandar os “porcos” ao matadouro	Serve aos inimigos da liberdade sexual	Mulheres que pedem para serem protegidas	Defesa da liberdade sexual
Sociedade totalitária	Encontrar um comportamento deslocado	Encontrar no fundo da consciência retrospectiva	Masculina

Verifica-se a ideia central do Manifesto Catherine Deneuve nesses imaginários sociais que resumem as ideias anteriores de crítica ao Feminismo e

manifestações das mulheres. Para isso, reforça os argumentos anteriores de legitimidade, baseado na liberdade sexual, e de credibilidade, apoiado na vitimização da mulher. Com isso, é possível notar a representatividade masculina, maquiada na ideia de liberdade sexual.

f) “A onda expiatória parece não ter limites. Aqui, censuramos um nu de Egon Schiele em um cartaz; ali, pedimos a retirada de um quadro de Balthus de um museu alegando que seria uma apologia da pedofilia; na confusão entre o homem e a obra, pedimos a proibição da retrospectiva de filmes de Roman Polanski na Cinemateca e conseguimos o adiamento daquela dedicada a Jean-Claude Brisseau. Uma universitária considera Blow Up, o filme de Michelangelo Antonioni, “misógino” e “inaceitável”. À luz desse revisionismo, John Ford (Rastros de Ódio), e até mesmo Nicolas Poussin (O Rapto das Sabinas) ficam em uma situação delicada”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Onda expiatória	Censura do nu	Revisionismo	Defesa da liberdade sexual

Nesse caso, a legitimidade do discurso fundamenta-se na crítica à censura imposta por atitudes fascistas que cerceiam a arte nos últimos tempos. Com isso, constrói-se uma dicotomia entre os valores em torno da censura e liberdade, e transpõe essa dicotomia para fundamentar o argumento de credibilidade. Entretanto,

nesse caso, a liberdade sexual é reivindicada para o homem, em detrimento da liberdade das mulheres.

g) Os editores já estão pedindo a algumas de nós para tornarmos nossos personagens masculinos “menos sexistas”, para falar sobre sexualidade e amor com menos desmedida ou ainda para fazer com que os “traumas sofridos pelos personagens femininos” sejam deixados mais evidentes! À beira do ridículo, um projeto de lei na Suécia quer impor um consentimento expressamente notificado a todo candidato a uma relação sexual! Com um pouco mais de esforço, dois adultos com vontade de se deitar juntos terão de assinalar com antecedência, por meio de um “aplicativo” de seu telefone celular, as práticas que aceitam e aquelas que recusam, devidamente listadas em um documento.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Onda expiatória	Revisionismo	Exemplo da Suécia	Defesa da liberdade sexual

Nesse contexto, há um aprofundamento da discussão “censura” / “liberdade sexual”, com crítica ao revisionismo que propõe novos olhares para as diferenças entre homem/mulher. Com isso, defende esse argumento, tentando legitimar sua tese sobre a dicotomia “censura” / “liberdade sexual”, em que os homens sofreriam com uma “onda expiatória”. O argumento de credibilidade, nesse caso, é dado como um exemplo negativo da liberdade sexual que resulta em uma censura, principalmente

para a liberdade masculina. Portanto, mais uma vez há representatividade masculina.

h) “Ruwen Ogien defendia uma liberdade de ofender indispensável à criação artística. Do mesmo modo, nós defendemos uma liberdade de importunar, indispensável à liberdade sexual. Hoje estamos suficientemente avisadas para admitir que a pulsão sexual é por natureza ofensiva e selvagem, mas também somos suficientemente clarividentes para não confundir paquera desajeitada com agressão sexual. Acima de tudo, estamos conscientes de que a pessoa humana não é monolítica: uma mulher pode, no mesmo dia, dirigir uma equipe profissional e desfrutar de ser o objeto sexual de um homem, sem ser uma “vagabunda” ou uma cúmplice vil do patriarcado”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Liberdade sexual	Exemplo de Ruwen Ogien	Liberdade de importunar	Defesa da liberdade sexual

Para defender o argumento de “uma liberdade sexual”, o Manifesto Catherine Deneuve assume a posição de que são equivalentes a “liberdade sexual e a liberdade de importunar”, quando em verdade, o que ocorre na prática, é um afrouxamento do próprio sentido de liberdade sexual no sentido de permitir e, mais grave, legitimar situações que não podem e não devem ser reduzidas a simples “importuno”.

Percebe-se uma tentativa de diminuir e até certo ponto, menosprezar as conquistas das mulheres, do movimento feminista, ao longo dos anos, quando

condutas masculinas passam a ser ofensivas às mulheres.

i) “Ela pode zelar para que seu salário seja igual ao de um homem, mas não pode se sentir traumatizada para sempre por que alguém se esfregou nela no metrô, embora isso seja considerado crime. Ela pode até considerar isso como expressão de uma grande miséria sexual, ou como um não-acontecimento”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Feminismo	Exigência de salários iguais	Não pode se sentir traumatizada para sempre (...)	Não-feminina/ Masculina

Embora se verifique a defesa de um imaginário coletivo feminista, com base no argumento de legitimidade, seu argumento de credibilidade demonstra uma contradição no que diz respeito à defesa da mulher. Com isso, há um distanciamento dos preceitos feministas com a afirmação de que “não se pode traumatizar para sempre por alguém se esfregar nela no metrô”. Esse distanciamento se deve à diferença de classe social de mulheres que precisam utilizar o metrô, mas também à defesa da liberdade masculina em quaisquer situações.

j) “Como mulheres, não nos reconhecemos nesse feminismo que, para além da denúncia do abuso de poder, assume as feições do ódio contra os homens e a sexualidade. Nós acreditamos que a liberdade de dizer não a uma proposta sexual não

existe sem a liberdade de importunar. E consideramos que é preciso saber responder a essa liberdade de importunar de outra maneira que não seja se fechar no papel de presa. Para aquelas dentre nós que escolheram ter filhos, pensamos que é melhor criar nossas filhas de modo que sejam informadas e conscientes o suficiente para poderem viver plenamente suas vidas sem se deixar intimidar ou culpar. Os acidentes que podem afetar o corpo de uma mulher não necessariamente atingem sua dignidade, e não devem, por mais difíceis que às vezes possam ser, necessariamente fazer dela uma vítima perpétua. Porque não somos redutíveis ao nosso corpo. Nossa liberdade interior é inviolável. E essa liberdade que apreciamos não existe sem riscos ou responsabilidades”.

<b>Imaginários coletivos</b>	<b>Legitimidade</b>	<b>Credibilidade</b>	<b>Representatividade</b>
Feminismo	Ódio contra os homens e a sexualidade	Liberdade de dizer não/de importunar	Feminismo/ Não-feminismo
Mãe	Criação de meninas	Sem vitimização	Feminismo/ Não-feminismo
Acidentes	Afetam o corpo	Não à dignidade	Não-feminismo

Os imaginários coletivos apoiam-se em três léxicos distintos (Feminismo, mãe e acidentes) que, quando analisados sob a perspectiva do sujeito, são capazes de revelar, de fato, a quem favorece. Nesse sentido, os argumentos sobre Feminismo preconizam a liberdade do homem em detrimento da mulher. O termo “mãe” ativa

um significado comum para “vitimização” correspondente a uma crítica à passividade feminina, o que caracteriza uma contradição, já que preconiza o “silenciamento” das mulheres.

O termo “acidentes”, no contexto verbal, diz respeito ao assédio, e respalda-se no argumento de credibilidade fundamentado no valor da “dignidade”, em detrimento da legitimidade “do corpo”, enquanto uma garantia de integridade física. Com isso, há uma deslegitimação das reivindicações das mulheres, a favor da liberdade dos homens para assediar.

### **Considerações finais**

A sociedade que emerge hoje, em pleno século XXI, não pode ser considerada a mesma que outrora despertou no início do século passado. As mudanças ocorrem rapidamente e com ela o meio social passa a moldar-se também de maneira tão rápida que demoramos a compreender todos os impactos provocados. Entre os impactos que surgem com as mudanças é possível destacar o grande impulso tomado pelo movimento feminista durante o período intitulado por Davis (2017) como a “segunda onda feminista”, nos anos 1960. Estamos hoje vivenciando uma quarta onda.

Mais precisamente entre o final do ano de 2017 e início de 2018, o universo cinematográfico Hollywoodiano passou a ser visto não mais como um local isento de práticas abusivas contra as mulheres, mas, pelo contrário, as denúncias de abusos e estupros foram estampadas nos principais jornais dos Estados Unidos, como o The

New York Times, quando atrizes famosas resolveram denunciar ao mundo os seus abusadores.

Tais denúncias provocaram as mais diversas reações na sociedade, dentre as quais se destacam a utilização das redes sociais como um instrumento ágil e prático para certa solidariedade. Empatia e sororidade despontaram entre mulheres de várias classes sociais, famosas ou anônimas, com o objetivo comum de colocar à vista de todas as pessoas os abusos sofridos no decorrer de um longo tempo e jogar luz em cima dos autores desses respectivos abusos.

Muito embora tenha havido uma notável participação de mulheres com o uso cada vez mais generalizado das redes sociais, em meio às séries de denúncias entre o ano de 2017 e 2018, houve o surgimento de um movimento contrário. Esse movimento de mulheres francesas em que apresentaram pontos de vistas e argumentos profundamente contrários às manifestações encabeçadas por atrizes e artistas americanas motivou a presente análise dos mais variados discursos e defesas dos respectivos pontos de vistas dessas diferentes mulheres.

Dessa maneira, e tendo em vista a finalidade da visada de incitação, com o objetivo de provocar a adesão de seus interlocutores, são analisadas as teses do texto, as quais correspondem aos imaginários sociais difundidos na sociedade. A fundamentação dessas teses é feita por meio de argumentos pautados na legitimidade e credibilidade. Com isso, possibilitou a presente pesquisa identificar algumas representatividades ou identidades presentes no discurso do referido Manifesto Catherine Deneuve.

Dentre os imaginários coletivos identificados, destacam-se argumentos



menos subjetivos, classificados como de legitimidade, fundamentados em fatos, e argumentos mais subjetivos, classificados como de credibilidade, baseados na interpretação e na avaliação. Ambos sustentam as teses defendidas, as quais expressam os imaginários coletivos em torno das temáticas do Feminismo. Com isso, verifica-se a utilização de teses e argumentos que normalmente estariam a favor de representações feministas, contudo servem de argumentos para favorecer a liberdade dos homens em detrimento da liberdade da mulher.

Na introdução do Manifesto Catherine Deneuve, a identidade feminista e o posicionamento crítico predominam no texto. Com o seu desenvolvimento, o tema da liberdade sexual prevalece, contudo surge a identidade masculina, havendo a preponderância de um posicionamento contrário ao Feminismo.

Conclui-se que a defesa de teses, com base nos imaginários sociais em prol de uma representatividade se sustenta com o emprego de argumentos legítimos e credíveis. Para uma leitura crítica, é exigida a compreensão dos sentidos transmitidos, com base, principalmente, nos sujeitos implicados no discurso, e o questionamento dos discursos que expressam imaginários e representações sociais idênticas para defender pontos de vista diferentes.

Essas representatividades fundamentam-se nos conceitos reivindicados pelo Feminismo, como crítica e liberdade sexual feminina. Entretanto, verifica-se certa contradição entre esses pressupostos, de legitimidade, credibilidade e liberdade sexual, quando há a sobreposição da liberdade masculina. É possível notar a linha tênue entre o não-feminismo e o feminismo, com a sobreposição de valores patriarcais, e mesmo a banalização da violência contra a mulher.

## Referências

- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CARTA CAPITAL. *Violência sexual, #MeToo e direito dos homens de importunar*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/violencia-sexual-metoo-e-direito-dos-homens-de-importunar>>. Acesso em 15 jan. 2018.
- CHARAUDEAU. P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: CHARAUDEAU et al. *Discurso e (des) igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.
- \_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- \_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. e MELLO, R. de. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, NAD/Fale-UFMG, 2004.
- COLLIN, F. Diferença dos sexos (teorias da). In: HIRATA, H.; LABORIE F. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. 1 ed. Brasil, UNESP, 2009.
- DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- EL PAIS. *A íntegra do manifesto assinado por Catherine Deneuve*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil>> Acesso em: 13 jan. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Catherine Deneuve pede perdão às vítimas de abusos após artigo contra “puritanismo sexual”*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/15>> Acesso em 15 jan. 2018.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- GONÇALVES, T. A. *Direitos humanos das mulheres e a comissão interamericana de direitos humanos: uma análise de casos admitidos entre 1970 e 2008*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2011.
- HIRATA, H.; LABOIRE, F. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. 1 ed. Brasil, UNESP, 2009.
- MATHIEU, N. C. Sexo e gênero. In: HIRATA, H.; LABORIE F. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. 1 ed. Brasil, UNESP, 2009.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.
- SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, Patriarcado e Violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- TIBURI, M. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p.